

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. *O Castelo Português: Criação de uma Imagética Cultural*. Lisbon: Caleidoscópio, 2022.

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS

O CASTELO PORTUGUÊS

CRIAÇÃO DE UMA IMAGÉTICA CULTURAL



O CASTELO PORTUGUÊS

Propõe o presente estudo compreender globalmente a existência de uma imagética cultural associada ao “castelo português”, tentando determinar em que momentos, quais as condicionantes e quais os principais intervenientes que originaram o processo pelo qual os castelos medievais portugueses se viriam a tornar grandes símbolos nacionais e, sobretudo, como estes adquiriram uma determinada imagem tipológica bastante particular, sobretudo ao nível do seu perfil imagético. Note-se que não se pretende averiguar a existência de um tipo de castelo medieval português, mas sim a génese de uma imagem essencialmente cultural do que podemos definir como “castelo português”.

Assim, através do estudo das produções artísticas, da castelologia e da evolução etimológica e semântica desde finais do século XVIII até aos nossos dias, pode-se averiguar os conceitos que existiram relativamente às fortificações medievais nas diversas culturas e, sobretudo, em Portugal, permitindo vislumbrar quais as características mais determinantes eleitas como definidoras dos castelos medievais ao longo dos últimos dois séculos, as quais ainda hoje se fazem sentir no seio da sociedade portuguesa.

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS

(Bombarral, 1975)

Licenciado em Arquitectura pela Universidade de Coimbra (2002), especializou-se em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2006), tendo posteriormente realizado o mestrado em Arquitectura, Território e Memória pela Universidade de Coimbra (2007) com uma dissertação sobre a criação de uma imagem cultural do “castelo português”. Doutorou-se em Arquitectura pela Universidad de Alcalá de Henares, Espanha (2012), com uma tese ve-sando sobre a reabilitação de fortificações medievais em Portugal e na Europa. Em 2014 iniciou o pós-doutoramento na Universidade de Lisboa, com uma investigação sobre a salvaguarda do património arquitectónico de influência portuguesa na Índia, tendo nesse âmbito sido investigador visitante na Goa University, India (2015), e na University of Moratuwa, Sri Lanka (2018).

Foi membro fundador do Instituto para a Investigação e o Desenvolvimento, pertencente à Universidade Lusófona de Cabo Verde (2013), no âmbito da qual coordenou diversas candidaturas a projectos de âmbito patrimonial. Paralelamente à investigação, exerce desde 2012 a actividade de arquitecto individualmente, através de várias colaborações e também como consultor, especialmente na área patrimonial. As suas áreas de actuação são a arquitectura, o urbanismo, a história da arte e a salvaguarda patrimonial.

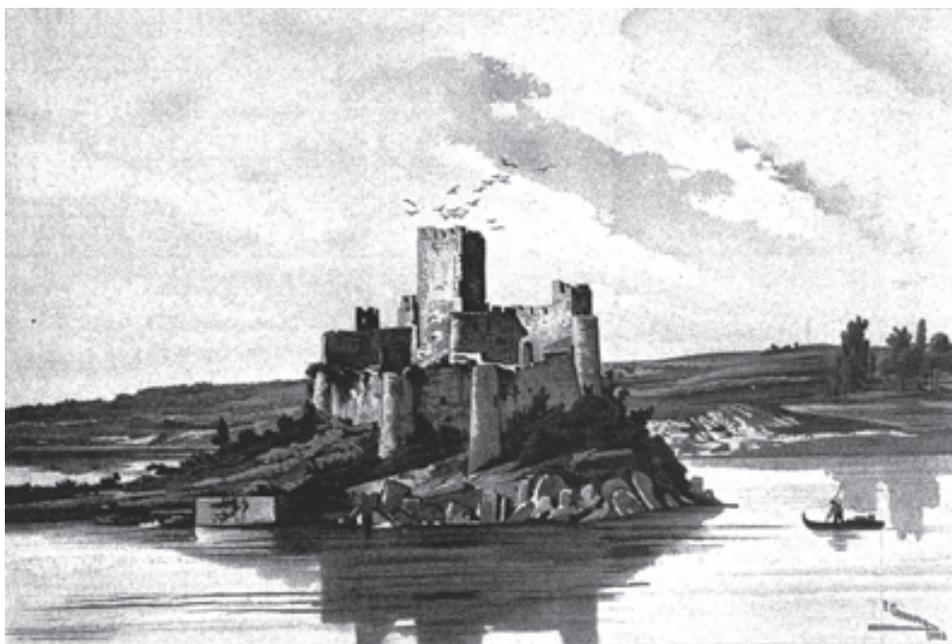


O CASTELO
PORTUGUÊS

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS

O CASTELO PORTUGUÊS

CRIAÇÃO DE UMA IMAGÉTICA CULTURAL



calei
dosc
ópio

FICHA TÉCNICA

Título da Obra	O Castelo Português Criação de uma Imagética Cultural
Autor	Joaquim Rodrigues dos Santos
Prefácio	Javier Rivera Blanco
Imagem da folha de rosto	Gravura do Castelo de Almourol (Portugal Pitoresco, 1884)
Design e paginação	Vitor Duarte
DOI	http://doi.org/10.30618/9789896587314
ISBN	978-989-658-731-4
Depósito Legal	494188/22
Data de edição	04.2022

Edição



Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, S.A.
Rua Cidade de Nova Lisboa, Quinta da Fonte do Anjo n.º 1-A
1800-108 Lisboa – Portugal
www.caleidoscopio.pt
Tel.: (+351) 219 817 960 • Fax.: (+351) 219 817 955
E-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt



Deste livro foram feitas duas edições, com duas capas distintas:

1. Capa com imagem do Castelo de São Mamede, em Guimarães (foto do Autor) e Contracapa com Paço Acastelado da Pena, em Sintra (foto do Autor).
2. Capa com imagem do Castelo de Porto de Mós (foto de Ilda Silva) e Contracapa com pormenor da *Carta Geographica da Provincia da Estremadura* [1777-80], de José Monteiro de Carvalho (fonte: Biblioteca Nacional de Portugal)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	17
FORTIFICAÇÕES MEDIEVAIS	
Evolução das fortificações medievais no espaço português	25
ETIMOLOGIA E EVOLUÇÃO SEMÂNTICA	
Definições etimológicas e percurso lexicográfico	65
A imprensa periódica ilustrada oitocentista em Portugal	102
Sondagem indicativa sobre a imagética do castelo medieval	117
CASTELOLOGIA	
Princípios historiográficos de índole memorialista, biografista e divulgadora	125
A historiografia positivista da arquitectura, de âmbito metódico e racionalista	136
Os estudos castelológicos como historiografia total	150
As especializações multidisciplinares associadas à castelologia	160
ARQUITECTURA REVIVALISTA	
Os castelos revivalistas como paradigmas simbólicos e culturais ..	173
O eclectismo e a eleição de uma linguagem arquitectónica nacional	192
LITERATURA DO ROMANTISMO	
A mitificação do Castelo de São Mamede em Guimarães	269

CONCLUSÃO	291
GLOSSÁRIO	303
NOTAS	311
BIBLIOGRAFIA	359
CRÉDITOS DAS IMAGENS	379
ÍNDICE ONOMÁSTICO	382
ÍNDICE TOPONÍMICO	388

Às três pessoas mais importantes
para mim: a minha **mãe**, o meu
irmão e também o meu **pai** que,
apesar de não me poder acompa-
nhar fisicamente, acompanha-me
sempre no meu coração...

PREFÁCIO

O castelo português, instrumento técnico e cultural enquanto paradigma europeu

Neste início de milénio, onde se observa uma cada vez maior aceleração da globalização e igualitarização das sociedades e das cidades, assiste-se ao mesmo tempo à cada vez maior defesa das heranças patrimoniais de cada cultura e a uma maior exaltação do local e do pessoal, tornando-se verdadeiras características da sua individualização e singularidade face à crescente homogeneização da sociedade global. Reflexo disso mesmo é a crescente preocupação com a salvaguarda desses patrimónios para as gerações futuras, bem como a patrimonialização de cada vez mais segmentos associados às vivências humanas, inclusivamente aquelas que ainda permanecem virgens face à própria acção do Homem, mas que são por si valorizadas, como a Natureza.

Não é por isso de admirar o número de estudos dedicados à salvaguarda patrimonial – neste caso, do património edificado – que têm surgido com maior frequência, seja dedicando-se ao estudo dos teóricos do património (como Viollet-le-Duc, Ruskin, Boito, Riegl, Giovannoni, Brandi e outros), seja analisando intervenções no património cultural no Passado e no Presente, seja ainda procurando soluções para a sua preservação futura. Stendhal havia já assinalado, no século XIX, que a beleza era uma promessa de felicidade, e André Malraux, ministro francês da cultura no século XX, afirmou que somente a beleza poderia explicar esse deambular constante – e extraordinário, pela sua crescente quantidade – do ser humano em torno dos objectos excepcionalmente belos, como aqueles contidos em museus, as pirâmides do Egipto, a Torre de Pisa, etc. Fenómeno que, em pleno século XXI, continuará certamente imparável, visto que a maior aspiração de muitos seres humanos consiste em percorrer o planeta e alcançar a máxima fruição íntima desses objectos formosos, visitando pessoalmente obras patrimoniais que,

em demasiados casos, o turismo do nosso momento presente converteu em autênticos ídolos divinos.

Porém, o estudo da salvaguarda do património edificado só muito recentemente começou a ser abordado sob um prisma mais relacionado com a teoria das ideias, facto que tem vindo a adquirir preponderância com a crescente multidisciplinaridade que se tem vindo a afirmar no campo da investigação patrimonial. Embora carecendo de um maior aprofundamento, a questão da análise da cultura mental subjacente aos processos de patrimonialização afigura-se premente, na medida em que ajudam a compreender com maior consistência muitas das acções de preservação patrimonial feitas ao longo da história. Desde as longínquas análises feitas por Alois Riegl aos aspectos mentais do património cultural, passando pelos estudos de Jacques Le Goff, Carl Jung, Pierre Francastel e outros relativamente aos simbolismos e suas associações, essa vertente tem sido explorada na actualidade com maior intensidade, produzindo resultados estimulantes.

É neste contexto que se insere o presente livro elaborado por Joaquim Rodrigues dos Santos, a partir da sua dissertação de mestrado orientada pelo Doutor Paulo Varela Gomes, e que foi depois solidamente complementado com o conhecimento adquirido durante o desenvolvimento da sua tese de doutoramento, orientada por mim e pela Doutora Maria João Neto. Tive o grato prazer de poder acompanhar de modo privilegiado todo o percurso de investigação por si realizado durante o doutoramento, assistindo à sua gradual evolução e desfecho, com a apresentação de resultados que considero de grande importância para entender o tema que propôs estudar: a salvaguarda das fortificações medievais em Portugal. Trata-se de uma investigação inovadora e de elevado nível, que certamente se tornará incontornável para quem se interessa pelas questões patrimoniais em Portugal e na Europa. A sua contribuição engloba um profundo conhecimento do fenómeno em todo o continente europeu, o que obrigará a fazer dos seus estudos obras de necessária consulta para todos os interessados na castelologia, na história das nossas fortificações e na análise das construções militares que marcaram a nossa geografia durante muitos séculos, não só como elemento de defesa, mas também como signo de identidade das nações.

O castelo é um recurso fundamental da memória pessoal dos europeus. Um símbolo da sua significação social e cultural. As brilhantes obras de Viollet-le-Duc no seu *Dicionário* e nos seus estudos de história das forti-

ficações, ou mesmo nos restauros realizados por si em Carcassonne, em Pierrefonds e em outros lugares de França, revolucionaram a imagem pré-terita dos europeus, não só provocando a necessidade de encontrar nos castelos o valor triunfal do seu Passado de máxima plenitude, mas também gerando alternativas para o seu resgate, critérios para a sua conservação e a necessidade de atribuição de novas funcionalidades, no intuito de modelar uma nova sociedade legatária desse vasto património edificado. Em Portugal, os políticos e os arquitectos, como em toda a Europa, encontraram nestas intervenções e estudos a representação da sua interioridade histórica. Joaquim Rodrigues dos Santos, como grande conhecedor do sucedido neste campo à escala europeia, pôde assim estabelecer a ideia real que os portugueses tiveram dos seus próprios monumentos fortificados e de como foram manipulados e entendidos pelas distintas gerações que se confrontaram com a sua manutenção e preservação.

O desenvolvimento estrutural do livro aqui apresentado, dedicado à verificação da existência de uma imagem cultural relativa ao castelo português no seio da sociedade portuguesa, a qual poderia explicar muitas das intervenções patrimoniais realizadas posteriormente nas fortificações medievais portuguesas. Se num primeiro momento o nosso autor compendia um elevado conjunto de informação castelológica com vista a sintetizar uma evolução das fortificações medievais portuguesas, permitindo-lhe compreender melhor o objecto de estudo central do seu trabalho, todo esse nível de informação possibilitou posteriormente a elaboração de uma análise crítica da historiografia dedicada ao estudo dos castelos portugueses, bem como a proposta para um glossário castelológico que visa uniformizar as denominações na arquitectura militar antiga.

Num segundo momento analisa a etimologia e a evolução semântica, desde a génese das preocupações patrimoniais em Portugal até à época contemporânea, de vários termos associados às fortificações medievais. Isso permitiu compreender o que era considerado como sendo um castelo nos primórdios da época em apreciação, face ao que foi sendo considerado como castelo ao longo dos tempos até à actualidade. E quiçá mais importante, permitiu compreender o processo de distinção, por parte dos portugueses, do castelo português face aos castelos de outros países, contribuindo enormemente para a criação da imagética cultural do castelo português.

Isso ter-se-á repercutido nos edifícios acastelados construídos de raiz – com reverberações no debate dos estilos arquitectónicos nacionais –, tema também tratado neste livro, até ao modo como muitos edifícios acastelados antigos foram sendo intervencionados (objecto de investigação na segunda e terceira partes do doutoramento, que desejo venha a ser publicado muito em breve, pela importância que se vislumbra no contributo para o incremento do conhecimento patrimonial). A própria literatura de índole romântica, também abordada por Joaquim Rodrigues dos Santos, contribuiu para a exponenciação da importância dos castelos medievais para a identidade nacional portuguesa, numa época de criação e afirmação dos nacionalismos. O papel desempenhado por Alexandre Herculano, através dos seus estudos castelológicos e romances, terá contribuído para a formação do simbolismo associado aos castelos, nomeadamente com a mitificação do Castelo de Guimarães como “berço da Nação”, aproveitado e aprofundado mais tarde pelo regime totalitário do Estado Novo com intuídos ideológicos propagandísticos.

A presença destes simbolismos na arquitectura militar de toda a Europa é algo que se sobrepõe poderosamente nas várias nações, convertendo-se em signos triunfantes destes países, orgulhosos da sua história: tal passa-se com o Castelo de Javier, o Alcázar de Segóvia, o Alhambra de Granada, ou a Aljafería de Saragoça em Espanha; o já mencionado castelo luso de Guimarães, o Castelo de São Jorge em Lisboa ou a Torre de Belém em Portugal; os castelos do Vale de Aosta (muitos deles restaurados pelo português Alfredo de Andrade, o Castelo Sforzesco de Milão, o Castelo de Sant’Angelo em Roma) ou os castelos da Itália central; os castelos do Vale do Loire, o Castelo de Angers ou os castelos restaurados por Viollet-le-Duc em França; a Torre de Londres, o Castelo de Windsor ou o Castelo de Bodiam em Inglaterra; os castelos germânicos do Vale do Reno, o Castelo de Wartburg em Eisenach ou o Castelo de Neuschwanstein; ou ainda o castelo suíço de Chillon no Lago Lemano, e tantos outros de um extremo ao outro do continente ou do Mediterrâneo. O conhecimento sobre a castelologia em Portugal que agora alcançamos afigura-se como um avanço verdadeiramente estimável que possibilitará assim o desenvolvimento de bons estudos comparados.

As relevantes premissas resultantes da investigação efectuada pelo nosso doutor ao nível da criação da imagética cultural do castelo português, apresentam-se finalmente expostas neste estimulante ensaio, de modo conciso e muito acessível, mesmo nos momentos em que o dis-

curso se afigura mais denso e povoado de conceituações de apropriação mais difícil. De referir o labor, o carácter científico e o rigor posto na análise das fontes diversificadas às quais recorreu nas suas pesquisas (imprensa periódica, sondagem *online*, bibliografia de referência, documentação primária, etc.) e o apurado sentido crítico na forma como trabalhou com essas fontes, que possibilitaram a obtenção das valiosas conclusões que aqui se enunciam. Trata-se também de proporcionar um valioso instrumento de conhecimento posto ao serviço do público em geral, mas também para ser utilizado por outros investigadores.

É verdade que a existência de uma imagética cultural associada ao castelo português era previsível e havia já sido tocada ao de leve por alguns autores nos seus escritos sobre os restauros de fortificações medievais em Portugal ou sobre a castelologia portuguesa; mas é somente com o estudo de Joaquim Rodrigues dos Santos que essa imagem cultural é perspicazmente apontada, problematizada, dissecada e enunciada de modo aprofundado e coerente.

Javier Rivera Blanco

*Catedrático de Teoria e História da Arquitectura e do Restauro.
Escuela Técnica Superior de Arquitectura – Universidad
de Alcalá de Henares (Madrid)*

PRÓLOGO

O presente livro nasce a partir da minha dissertação de mestrado em Arquitectura, Território e Memória, orientada pelo Doutor Paulo Varela Gomes e defendida em 2007 no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, intitulando-se «*Este Antigo Castelo Tinha Recordações de Glória...*»: *A Imagem do Castelo Medieval na Imprensa Periódica Ilustrada em Portugal no Século XIX*. A matéria desenvolvida no mestrado foi revista, ampliada e actualizada com um conjunto de novos conhecimentos entretanto apurados no decorrer da minha tese de doutoramento em Arquitectura e na sequência da publicação de vários trabalhos científicos (enumerados na bibliografia e amplamente reproduzidos no livro), os quais complementam a informação anteriormente desenvolvida e lançam bases sólidas que permitem auxiliar na percepção da temática analisada no decorrer do Doutoramento orientado pelo Doutor Javier Rivera Blanco e pela Doutora Maria João Neto: a salvaguarda de fortificações medievais em Portugal no contexto europeu de preservação patrimonial.

Nesse sentido, quero deixar o meu profundo e sincero agradecimento pessoal a um conjunto de pessoas e instituições que ajudaram a tornar possível a concretização deste livro. Desde logo quero deixar um agradecimento especial ao Doutor Paulo Varela Gomes, que muito recentemente nos deixou, pela enorme honra que me concedeu ao aceitar orientar a minha dissertação de mestrado e, sobretudo, pelo muito que me tem ensinado em todos estes anos desde os tempos da licenciatura, onde foi meu professor – tornando-se, com o decorrer do tempo, conselheiro, mestre e amigo –, o que me permitiu crescer imenso enquanto investigador. Os agradecimentos são também extensíveis ao Doutor Javier Rivera Blanco, que muito amavelmente aceitou o convite para prefaciar o presente livro e assim muito me honra, e à Doutora Maria João Neto, onde as contribuições e experiência de ambos na orientação do meu doutoramento permitiram-me poder ir afinando a minha perícia na investigação.

Quero agradecer também à minha família, e em especial à mãe e ao meu irmão João Santos (responsável pelo suporte técnico de informática), por todo o apoio que me deram durante o desenvolvimento da investigação. Um agradecimento especial à editora Caleidoscópio, na pessoa de Jorge Ferreira, pelo interesse demonstrado na publicação do livro, pelo entusiasmo contagiante e pelo profissionalismo e dedicação que dispensou ao projecto. Não posso deixar de agradecer aos meus colegas e amigos, sobretudo à Margarida Gil, ao Nuno Costa e à Dóris Santos, pelo auxílio na revisão do texto final, e à Susana Ventura, à Rita Cardoso e à Maria Fernandes, pela ajuda durante o processo do mestrado e pelas trocas de argumentos que permitiram afinar o trabalho desenvolvido.

Quero expressar ainda o meu reconhecimento às instituições que facilitaram o desenvolvimento da minha pesquisa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento. Desejo ainda agradecer também às instituições e a todas as pessoas que autorizaram a publicação neste livro de algumas das suas imagens, estando os seus nomes enumerados nos créditos das imagens.

Por fim, a todas as entidades e instituições que nos honram com o seu apoio a esta edição.

A todos, um grande Bem-Haja.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XX existia em Portugal uma imagem cultural do castelo medieval (imagem 1) que Damião Peres, considerado o grande historiador do regime ditatorial português do Estado Novo (1933-1974), havia descrito como:

«(...) Em regra geral, o castelo era uma edificação complexa, constituída essencialmente por uma alta torre central, a chamada torre de menagem, em volta a qual se estendia um terreiro maior ou menor, com casas de habitação e arrecadações, tudo cercado por uma linha de muralhas, cujo traçado dependia da configuração do terreno, e sobre as quais se alongava um corredor (adarve) defendido por um parapeito coroado de ameias ou cortado de seteiras, ao qual se subia por escadas de pedra adossadas às paredes interiores da muralha. Duas portas, pelo menos, se abriam nas muralhas, uma ampla, a principal, e outra tradicionalmente chamada porta da traição, esta de proporções modestas, por isso facilmente defensável, situada um tanto dissimuladamente em conveniente ponto da muralha, quanto possível afastada daquela, e dando saída para os campos no caso do castelo adstrito à defesa de uma povoação. A espaços, e pelo menos aos lados da porta de entrada, erguiam-se torreões igualmente ameaçados. Por vezes havia uma outra linha de muralhas, mais avançada e menos alterosa, chamada barbacã, onde os atacantes encontrariam a primeira resistência. Dominando o conjunto erguia-se a torre de menagem, mole quadrangular de grossíssimas paredes, rasgadas de onde a onde por estreitas frestas, pelas quais recebiam escassa luz os seus três ou quatro pisos, e na qual se entrava por uma porta situada não ao nível do solo, mas na altura do primeiro andar, dando-lhe acesso uma escada volante, de madeira portanto. Eventualmente, se a porta ficava à altura do adarve fronteiro, comunicava com este por uma ponte, fácil de retirar ou cortar. Um terraço

*cimeiro, dotado de parapeito ameado, completava esta capital peça de castelo (...)*¹.

Esta imagem-tipo, actualmente desvalorizada nos meios académicos da história da arquitectura, foi contudo predominante a partir de meados do século XIX, chegando inclusivamente à actualidade. A esta imagem associou-se uma imagem ideológica: a visão de Afonso Henriques, primeiro rei português, erguendo a sua espada e tendo como pano de fundo o Castelo de São Mamede em Guimarães estará ainda, nos tempos actuais, profundamente enraizada na memória de muitos portugueses, demonstrando a importância atribuída aos castelos como um dos grandes símbolos da sua identidade nacional (imagem 2). Segundo Mário Barroca, o castelo foi uma das mais significativas inovações introduzidas no mundo medieval português, não só como elemento defensivo, mas também em múltiplas dimensões vivenciais (socioeconómica, política, simbólica, paisagística, etc.), determinando decisivamente os contornos para a formação de Portugal².

Essa importância nem sempre se terá verificado: com efeito, após a perda da sua utilidade funcional, a grande maioria dos castelos medievais chegou ao século XIX muito degradada. Somente após a implantação do regime liberal em Portugal se deu o impulso para o reconhecimento e preservação deste património arquitectónico, sobretudo dos monumentos considerados essenciais para a herança histórica nacional, entre os quais se encontravam os castelos medievais. Este simbolismo, consolidado no século XX, através do qual o castelo medieval se constituiu, na sociedade portuguesa, como um elemento fundamental para a construção da identidade de Portugal e se tornou um grande símbolo nacional venerado e protegido, terá tido origem no século XIX, num momento em que se assistiu à depredação acelerada do património monumental português. Em Portugal, o castelo começou então, aos poucos, a ser considerado um testemunho do nascimento da pátria que era necessário transmitir às gerações vindouras. Além disso, ideias de descentralização do poder e defesa do municipalismo terão produzido progressivamente uma crescente influência regional e concelhia, que encontrou nos monumentos locais uma expressão de afirmação³.

O ponto culminante da devoção por estas estruturas medievais teve lugar durante o regime do Estado Novo, que explorou ideologicamente a figura do castelo medieval como sendo um herói nacional. Como menciona

Luís Cunha, os heróis nacionais funcionavam como um reflexo da alma da nação, transcendendo a sua singularidade para encarnar valores nacionais perpétuos. Em torno dos heróis nacionais gerava-se um extenso consenso nacional, e a sua evocação reforçava a unidade da nação contra as ameaças exteriores. Em situações de crise, apelava-se à sua memória e aos seus significados, reconciliando a nação consigo mesma e com o seu Passado de modo a enfrentar os problemas externos e inclusivamente legitimando discursos ideológicos nacionalistas do Presente⁴. As fortificações medievais, cujo papel na formação de Portugal havia sido fundamental, assumiram sucessivamente, em vários momentos delicados da história portuguesa, a função de congregar o patriotismo nacional e catalisar a resistência contra potenciais ameaças ao mundo português. Portanto, a personificação do castelo medieval como herói nacional constituiu um destino natural e, nesse sentido, o aproveitamento do simbolismo destes monumentos por parte de regimes políticos – especialmente o Estado Novo – possuía o propósito de fortalecer ideologicamente a sua posição.

Propõe o presente estudo compreender globalmente a existência de uma imagética cultural associada ao “castelo português”, tentando determinar em que momentos, quais as condicionantes e quais os principais intervenientes que originaram o processo pelo qual os castelos medievais portugueses se viriam a tornar grandes símbolos nacionais e, sobretudo, como estes adquiriram uma determinada imagem tipológica bastante particular, sobretudo ao nível do seu perfil imagético. Note-se que não se pretende averiguar a existência de um tipo de castelo medieval português, mas sim a génese de uma imagem essencialmente cultural do que podemos definir como “castelo português”.

Num primeiro momento, além de enunciar o estado da arte relativo ao tema aqui investigado, torna-se fundamental compreender de modo sumário a arquitectura militar medieval, mediante um compêndio global da evolução das fortificações medievais portuguesas. Esta análise foi elaborada recorrendo à bibliografia específica do tema, sendo feita numa síntese geral o resumo de toda a matéria dispersa pelas várias obras castelológicas analisadas, isto é, baseando-se essencialmente em fontes secundárias. Importa também conhecer resumidamente a cultura que se vivia em Portugal no século XIX sob diversas vertentes (política, artística, socioeconómica, etc.), a qual vai sendo desenvolvida no decorrer dos vários capítulos, complementando-os assim. À parte introdutória segue-se o desenrolar da temática aqui estudada, repartida por duas partes, res-

pectivamente a análise da etimologia e a historiografia, e o estudo das artes associadas ao tema em questão.

Existe uma evolução semântica gradual nas palavras, devido à sua contínua mutação no tempo: o “significante” (representação da palavra) pode sofrer poucas variações, mas o “significado” (configuração mental do que a palavra expressa) pode sofrer enormes alterações⁵. Pelo que se torna necessário analisar, a nível etimológico e semântico, os conceitos/definições que são em parte objecto do presente estudo, de forma a perceber-se mais facilmente a sua utilização nos diferentes contextos analisados. Assim, procedeu-se a uma consulta sistemática de vários dicionários e enciclopédias consideradas fundamentais. Além dos significados etimológicos, apresentaram-se também, como complemento fundamental, os significados contemporâneos descritos na bibliografia específica da área estudada. Propôs-se ainda um glossário completo de elementos da arquitectura militar medieval e moderna.

Se os dicionários e enciclopédias possibilitam uma percepção da evolução etimológica e semântica a nível mais institucional e académico, a evolução está também fortemente condicionada pelos meios informais das vivências diárias, como se pode observar em inúmeros casos. Considerou-se por isso necessário conhecer, ainda que genericamente, essa percepção popular, o que se logrou alcançar mediante a averiguação do papel desempenhado pela imprensa periódica ilustrada, a qual influenciou de modo directo os seus leitores e, indirectamente, todo o público em geral. Especialmente durante o século XIX, criou-se e divulgou-se em Portugal, por intermédio da imprensa periódica ilustrada, uma iconografia relativamente extensa que, com frequência, se centrava nos castelos medievais. O inventário e classificação genérica dos diversos exemplares da iconografia mais significativos (acerca dos castelos em Portugal) presentes na imprensa periódica ilustrada portuguesa permitiram compreender globalmente o âmbito por ela alcançado na definição do pensamento popular de vastos segmentos da população portuguesa. Também se analisaram os resultados de uma sondagem *online* a título meramente indicativo, realizada especificamente para este tema e que visou apreender a percepção popular etimológica e semântica na actualidade.

Por outro lado torna-se imprescindível, como processo auto-gnóstico, analisar também a própria historiografia⁶ – e, mais concretamente, a castelologia – produzida ao largo dos tempos, a qual sem dúvida manifesta visões temporais sobre as fortificações medievais. Para isso houve que

contextualizar as obras castelológicas publicadas em Portugal com a historiografia portuguesa nos seus diferentes níveis (artístico, militar, económico, sociocultural, etc.), mas também compará-las genericamente com o que se havia processado em outros países. Desde uma incipiente castelologia oitocentista que se foi desenvolvendo cada vez mais, até aos estudos actuais, regulados por parâmetros mais estritos, geralmente sem condicionamentos ideológicos e abordando factores cada vez mais específicos em variados campos de investigação, a análise realizada incidiu sobre a quase totalidade de livros publicados em Portugal, assim como sobre a grande maioria dos artigos relacionados com a castelologia portuguesa. Pretendeu-se com isto elaborar a sua radiografia, algo que previsivelmente se apresenta publicado pela primeira vez de maneira profunda. Foi com base nestas obras castelológicas que foi realizada a síntese global da evolução das fortificações medievais portuguesas.

Numa época de gestação e afirmação das diversas nacionalidades por toda a Europa – os séculos XVIII e XIX, ainda que por vezes alcançando o século XX –, os castelos medievais têm sido uma temática frequentemente presente nas distintas artes, essencialmente a partir do Romantismo. Assim, através do estudo das produções artísticas realizadas a partir do século XVIII, também se pode averiguar os conceitos que existiram relativamente às fortificações medievais nas diversas culturas e, sobretudo, em Portugal. Desde o século XIX que se construíram diversos edifícios que aludiam às edificações militares medievais, além de numerosas outras intervenções não patrimonialistas realizadas em castelos medievais, que os alteraram substancialmente na sua forma. Esses “novos castelos” permitem vislumbrar quais seriam as características mais determinantes eleitas como definidoras dos castelos medievais nessa época. Mas também na literatura foi possível entrever preferências culturais mediante o processo de selecção dos edifícios eleitos, permitindo inclusivamente processos de mitificação das estruturas fortificadas; como tal, a investigação efectuada, tentando deduzir conceitos culturais por meio das artes, foi levada a cabo directamente sobre os produtos arquitectónicos (não só os edifícios, mas também os projectos) e literários como fontes primárias.

Quanto ao estado da arte relativamente à temática analisada, para investigar a imagem cultural do “castelo português” há que conhecer de modo relativamente profundo as fortificações medievais portuguesas; nesse sentido, a castelologia é uma ferramenta importante de trabalho

que, neste estudo, se converte simultaneamente em fonte primária e secundária de investigação. Ainda que a castelologia seja objecto de uma análise extensa, é importante referir desde já as obras imprescindíveis mais importantes que foram consultadas. De facto, o estudo das fortificações medievais encontra-se já num grau de maturação bastante elevado, seja em Portugal, seja em outros países que englobam a área geográfica complementar eleita o presente estudo. É essencial mencionar os diversos estudos elaborados por Mário Barroca⁷, talvez o nome maior da castelologia portuguesa na actualidade e que sem dúvida promoveu um imenso impulso ao seu desenvolvimento, estudando a evolução das fortificações medievais portuguesas ao largo da sua longa história, a nível arqueológico, arquitectónico, político, económico, etc. Também os trabalhos de João Gouveia Monteiro⁸, de Rita Costa Gomes⁹, de Helena Catarina¹⁰ e de Carlos Ferreira de Almeida¹¹ são bastante importantes como provedores de noções sobre as fortificações medievais portuguesas, ao abordar áreas de estudo nos campos arquitectónico, documental, iconográfico, socioeconómico, estratégico-militar e outros.

Já em outro registo, Carlos de Azevedo¹², José Custódio da Silva¹³ e Helder Carita¹⁴ publicaram obras que, ainda que não tenham como objecto de estudo as fortificações em si, é importante para compreender a evolução das residências aristocráticas com características próprias da arquitectura defensiva. António Pires Nunes publicou o seu *Dicionário de Arquitectura Militar*¹⁵, onde estão explicados não só os diversos termos da arquitectura militar, mas também os mais importantes feitos e personagens da história militar portuguesa. Podem-se mencionar também algumas obras colectivas significativas para a investigação, como a *História das Fortificações Portuguesas (...)*¹⁶, livro editado sobre a direcção de Rafael Moreira e que, como o próprio nome indica, engloba um conjunto de estudos castelológicos sobre as fortificações portuguesas ao longo dos tempos, e alguns livros de actas¹⁷ que apresentam diversos artigos relativos à castelologia portuguesa abordados sob diferentes prismas de estudo.

Sendo a castelologia um dos objectos de estudo em si mesmo, dentro da presente análise, há que investigar também a própria disciplina historiográfica; pelo que, ainda que não se verse sobre a história da castelologia – os estudos deste âmbito são muito escassos ou quase inexistentes –, algumas obras permitem dispor de um conjunto de instrumentos analíticos auxiliares. Neste âmbito mais geral, são essenciais as obras *História da História da Arte (...)*¹⁸ de Germain Bazin, *Historiografia del Arte*¹⁹ de Hermann

Bauer, *O Nascimento da Moderna Historiografia*²⁰ de Georges Lefebvre, e *História da Arte como História da Cidade*²¹ de Carlo Argan. Nestas se explica, classifica e interpreta sucintamente a evolução da historiografia e historiografia da arte e seus autores principais. Para o contexto português é fundamental mencionar as obras *A Historiografia Artística Portuguesa (...)*²² de António Rosmaninho, *História da História em Portugal (...)*²³ de Fernando Catroga, José Amado Mendes e Luís Torgal, e *Historiografia e Memória Nacional (...)*²⁴ de Sérgio Campos Matos.

Por fim, partindo do pressuposto que o presente estudo possui um forte componente que trata a problemática ideológica associada a metafísicas culturais e nacionalistas (entre outras), obviamente que teria que ser abordada esta área de estudo. Se para o cenário europeu existem já bastantes obras de referência²⁵ que permitem um bom enquadramento contextualizante, as duas últimas décadas em Portugal foram pródigas na aparição de novos estudos sobre a temática ideológica: nesse sentido, são imprescindíveis as obras *A Nação nas Malhas da sua Identidade (...)*²⁶ de Luís Cunha, *Nação e Nacionalismos (...)*²⁷ de Ernesto Leal, *Salazarismo e Cultura Popular (...)*²⁸ de Daniel Melo, *Os Anos de Ferro (...)*²⁹ de Jorge Ramos do Ó, e *História e Ideologia*³⁰ de Luís Reis Torgal. A contextualização da realidade portuguesa também se complementa necessariamente com grandes obras historiográficas de índole generalista ou focadas na arte³¹. De referir que, aliada à problemática ideológica, também as questões relevantes conectadas com a imagética e a sua preponderância cultural estão, de certo modo, estudadas em diversas obras³² sob diferentes prismas de análise.

A visão de D. Afonso Henriques erguendo a sua espada e tendo como pano de fundo o Castelo de São Mamede, em Guimarães, estará ainda profundamente enraizada na memória de muitos portugueses, demonstrando a importância atribuída aos castelos como um grande símbolo da sua identidade nacional. Após a implantação do regime liberal em Portugal, deu-se o impulso para o reconhecimento e preservação deste património arquitectónico, que começou a ser considerado um testemunho do nascimento da pátria, que era necessário transmitir às gerações vindouras. Pouco a pouco, foi adquirindo uma imagética mental própria no seio da cultura portuguesa, que ainda se reflecte nos nossos dias e que terá, inclusivamente, influenciado os restauros realizados em muitos dos nossos castelos.

